

Inovação é bem mais que tecnologia

Maria Lucia MACIEL. *Milagre italiano: caos, crise e criatividade*. Brasília, Paralelo 15/Relume Dumará, 1996. 204 páginas.

Francisco Lima V. Teixeira

A mudança tecnológica, desde os economistas clássicos, é considerada a variável chave para a compreensão do processo de desenvolvimento econômico. No entanto, chega a ser surpreendente o limitado conhecimento que ainda se tem a respeito dos elementos que impulsionam e condicionam o surgimento e a difusão de inovações tecnológicas, principalmente os relacionados às condições sociais que permeiam a utilização do conhecimento em produtos, processos e formas organizacionais diferenciadas. Essa surpresa torna-se ainda maior quando se admite que a relação entre progresso técnico e mudança social está na origem da complexa dinâmica da sociedade capitalista. Nesse caso, o mercado, mesmo com todas as suas possíveis virtudes, não poderia ser considerado a única força propulsora e organizadora das atividades econômicas.

De que forma compreender o mistério do milagre italiano dos anos 80? Como um país pode sair de uma caótica e permanente crise, ao menos do ponto de vista de um observador externo, para uma sociedade que chega aos anos 90 contendo todos os componentes de uma criativa

modernidade? O que explicaria esse paradoxal fenômeno do *sorpasso* italiano?

Para compreender essa rica e multifacetada realidade, Maria Lucia Maciel lança mão, exatamente, dos conceitos originalmente formulados pelos economistas clássicos, que se encontram, contudo, mais evidenciados em Marx: crise e desenvolvimento de sociedades capitalistas só podem ser entendidos a partir da inter-relação entre forças de produção e relações sociais. Nessa direção, a autora vai buscar no conceito de inovação, primeiramente formulado por Schumpeter, a chave para desvendar o mistério. Porém, indo mais longe, esse conceito é utilizado de uma forma até certo ponto inovadora: para Maria Lucia, a inovação é vista como uma síntese entre mudanças tecnológicas e sociais, mas tendo como referência a história cultural da sociedade analisada.

Se essa é a proposta, cumpre desvendar os componentes da cultura e das relações sociais que tiveram influência no fenômeno do *sorpasso*, cuja gênese não poderia estar

circunscrita aos anos 80. Em primeiro lugar, a tradição italiana, anterior ao Renascimento, de fundir arte e técnica na produção dos mais variados bens culturais e de consumo é lembrada. Essa tradição, mesmo atravessando confusos períodos históricos, teria se enfronhado no inconsciente coletivo do povo de *Bota*, sendo responsável por grande parte da criatividade encontrada na sua produção, marcada pela originalidade do *design*. A cultura técnica italiana teria, portanto, raízes históricas profundas e estaria estreitamente vinculada à criação artística nos seus períodos áureos.

No campo da organização social, o *familismo* é destacado como base social e princípio chave para entender a organização do Estado, dos partidos, das empresas e da Máfia. A família, na Itália, seria a principal mediadora entre os interesses particulares e o bem comum. Aqui, o paralelo com o Brasil torna-se inevitável, principalmente quando Sérgio Buarque de Holanda é lembrado. Para ele, a transcendência da ordem familiar patriarcal pelo Estado moderno, não totalmente consolidada no Brasil, traria embutidas crises graves e prolongadas, de conseqüências imprevisíveis. No caso italiano, de acordo com Maria Lucia Maciel, a crise provocada pela oposição entre ordem familiar e Estado, ao invés de impedir a liberação das forças criativas, contribuiu para, diante da inoperância do Estado, estabelecer as condições de sobrevivência da população em bases sociais e produtivas inovadoras.

Esse é um ponto chave da análise apresentada no livro: as empresas familiares representam uma alternativa de sobrevivência perante a crise econômica e política dos anos 70. A sua organização e gerência são originais, inovadoras, sintonizadas com as mudanças requeridas pelo novo paradigma industrial-tecnológico. Elas têm em comum, além da origem familiar, a ênfase no projeto, o bom gosto do *design*. Porém, as formas de organizar e gerir a produção são diferenciadas e adaptadas às alternativas tecnológicas e padrões de concorrência vigentes em cada mercado. A microeletrônica é absorvida e reconstruída no processo produtivo, mas a chave do seu sucesso está na utilização intensiva do conhecimento, ou da cultura técnica, dos trabalhadores.

Em face das dificuldades para construir um Estado imune ao patriarcalismo e ao clientelismo, a descentralização administrativa, calcada nas diversidades históricas e geográficas, foi a solução encontrada. Ela é fundamental para o surgimento de iniciativas locais e regionais visando à criação de arranjos institucionais voltados para estimular a difusão de tecnologias e a formação de recursos humanos. Esses arranjos unem empresas, universidades, centros técnicos, entidades da sociedade civil, sindicatos e administrações locais na busca de soluções adequadas para problemas particulares, em oposição aos grandes projetos centralizadores. É importante reconhecer que esses arranjos também favorecem o surgimento de normas inovadoras de relacionamento entre as diversas instituições, estabelecendo as *convenções* requeridas pelo novo regime técnico-econômico.

Muito embora a autora enfatize mais a dualidade entre empresa familiar e os grandes conglomerados (Fiat, Olivetti etc.), permanece a dúvida se essa relação é de oposição ou de complementaridade, como em outras economias modernas. Assim como não fica muito claro de que forma "[...] a lógica familiar, neste caso, se sobrepõe à lógica do capital" (p. 60). Uma interpretação alternativa poderia entender as particularidades do caso italiano como uma adaptação da lógica capitalista a circunstâncias diferenciadas, sem que, com isso, ela seja sobreposta. Essa capacidade de adaptação não é circunscrita ao contexto italiano: é um elemento essencial para explicar a dinâmica econômica de variadas formações sociais penetradas pelo capitalismo. Por sua vez, inovações organizacionais e na gestão do trabalho, de acordo com uma visão alternativa à da autora, não representariam o estabelecimento de novas relações de produção, no seu sentido mais amplo.

O *sorpasso* italiano não teve por trás uma política de Ciência e Tecnologia prodigiosa, nem uma universidade forte. Apesar de os gastos com C&T terem aumentado nos anos 80 e 90, eles ainda se encontram em patamares bastante inferiores aos dos principais países europeus, por exemplo. A universidade italiana, conforme relato da autora, padece de problemas tão grandiosos quanto o número dos seus alunos, tanto no que se refere ao ensino como à

institucionalização da pesquisa. Fruto da inoperância do regime político e da administração estatal, a política de C & T e a universidade italianas parecem que foram deixadas à margem, exceto quando foram capazes de vencer barreiras para se juntarem aos esforços descentralizados de geração e, principalmente, difusão do conhecimento necessário à recuperação econômica.

Esse é um ponto importante: a recuperação italiana não se baseou na criação de novas tecnologias, em inovações básicas, para utilizar a terminologia schumpeteriana. A *difusão* de inovações técnicas, facilitada pelo contexto sociocultural, foi o elemento propulsor básico. No entanto, essa difusão não prescindiu da criatividade. Ao contrário, a conquista de mercados internacionais, principalmente por grupos de empresas da Terceira Itália, teve como substrato de competitividade a diferenciação do produto, possibilitada pelas formas organizacionais adotadas, pelo gerenciamento das novas tecnologias e pela excelência do *design*.

As lições para o Brasil são inúmeras, mesmo considerando a inadequação da transposição de "modelos". Pela impossibilidade de enumerá-las, vale mencionar, talvez, a mais importante: políticas de C&T que proponham aumento de investimentos na área são necessárias mas insuficientes quando o objetivo é transformar conhecimento em inovação e desenvolvimento. Para isso,

elementos da cultura e da organização social precisam ser identificados e estimulados. Essa é uma tarefa que não está restrita ao âmbito do Estado nem do governo central, mas envolve todas as formas de organização da sociedade civil. No caso do Brasil, já começamos a colher exemplos, ainda que isolados, de que é possível superar o caos e a crise com inovação e criatividade.

Milagre italiano: caos, crise e criatividade é um livro altamente recomendável para todos aqueles que estão preocupados em encontrar caminhos para o desenvolvimento brasileiro. É leitura essencial para os que estudam as inovações tecnológicas e não estão satisfeitos com os "modelos" parciais e insuficientes disponíveis para se compreender o painel "holográfico" e "multidimensional", como diz a autora, que caracteriza o processo social de inovação. O livro é ainda mandatório para aqueles que lidam com políticas públicas mas que demonstram uma crise de criatividade sem precedentes na nossa história.

FRANCISCO LIMA V. TEIXEIRA
é pesquisador do Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia. Atualmente encontra-se em estágio de pós-doutoramento na Universidade do Texas, Austin.